

O caso Mussalém.

Fonte: Douglas Tavolaro. *A casa do delírio. Reportagem no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha*. São Paulo: SENAC, 2002, p. 139-155.

Logo após o carnaval de 2000, a escola da FUNAP ganhou um colaborador de peso: J. M., o Mussalém, professor aposentado de ciência política da Universidade de Campinas (Unicamp). Isso mesmo: professor de ciência política. Para quem imagina o manicômio como um depósito de loucos, encontrar alguém com a estrutura intelectual de Mussalém pode ser ainda mais chocante do que vislumbrar seres maltrapilhos que falam enraivecidos para as paredes ou mordem o próprio corpo. A paranóia é assim: um mal incontido que não escolhe classe social para atacar.

O Professor Mussalém chegou a Franco da Rocha no dia 14 de abril de 1999, transferido da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, onde viveu quatro anos numa cela isolada, no pavilhão mais seguro da cadeia. Eram 2h da tarde quando o camburão da Polícia Militar estacionou no portão do hospital. Surgiu, então, lentamente, um senhor alto, forte, de cabelos grisalhos bem aparados, fisionomia inofensiva, roupas claras e um par de sandálias de couro. Os olhos castanho-escuros examinaram o portão principal em todo o contorno. Educadamente, cumprimentou com um breve gesto os agentes de segurança e se despediu. Desde então, passou a viver como um exilado. Voltou a estudar e a aprofundar seus conhecimentos por meio de livros que comprava diretamente das editoras via sedex. Tornou-se um dos melhores jogadores de xadrez da história do hospital.

Faltava pouco para o almoço no feriado do Dia do Trabalho, e Mussalém dormia. O pavilhão 1, ala em que mora com 55 pacientes, estava abafado. Não havia na unidade atividades programadas pelo núcleo de recreação. O rádio, instalado na improvisada cabeceira – montada sobre duas caixas de madeira, uma em cima da outra -, tocava suavemente As bodas de Fígaro, de Mozart. A sintonia era a de sempre, de 24 horas por dia na Rádio USP FM. Uma pilha de CDs de música erudita servia de apoio para algumas cebolas partidas e um minúsculo pote de mel. A coletânea Bolero de Ravel é o disco preferido do professor. Sente-se encantado toda vez que ouve a música. Lembra-se invariavelmente da primeira vez em que tais acordes circulantes tomaram seu ouvido, no encerramento do filme Retratos da vida, de Claude Lelouch, e da emoção que sentiu ao contemplar os passos flutuantes do bailarino argentino Jorge Donn, na Torre Eiffel, em Paris.

Naquele Primeiro de Maio, porém, o sono de Mussalém era profundo. Mesmo de bermuda e camisa xadrez de viscose, suave um pouco. A roupa estava limpa. Ele é um dos poucos internos que se dão ao luxo de pagar a outros pacientes para lavar suas trouxas sujas. Desembolsa um maço de cigarros a cada seis ou sete peças limpas. Os óculos, com aros retangulares e contornos dourados, utilizados para corrigir os 2.7 de astigmatismo, estavam enroscados em seus cabelos. Caída em seu ombro esquerdo estava uma antiga edição da República de Platão, em que fizera anotações em quase todas as páginas. Numa dessas, com sublinhado vermelho, destacou o seguinte trecho:

“E agora, deixa-me mostrar, por meio de uma comparação, até que ponto nossa natureza humana vive banhada em luz ou mergulhada em sombras. Vê! Seres humanos vivendo em um abrigo subterrâneo, uma caverna, cuja boca se abre para a luz, que a atinge em toda a extensão. Aí sempre viveram, desde crianças, tendo as pernas e o pescoço acorrentados, de modo que não podem mover-se e apenas vêem o que está à sua frente, uma vez que as correntes os impedem de virar a cabeça. Acima e por traz deles, um fogo arde a certa distância e, entre o fogo e os prisioneiros, a uma altura mais elevada, passa um caminho. Se olhares bem, verá uma parede baixa que se ergue ao longo desse caminho, como se fosse um anteparo que os animadores de marionetes usam para esconder-se enquanto exibem os bonecos. [...] Pois esses seres são como nós. Vêem apenas suas próprias sombras, ou as sombras uns dos outros, que o fogo projeta na parede que lhes fica à frente.

Ao lado das anotações, Mussalém escreveu: “Sou como a sombra da caverna de Platão. Eu não sou um monstro”.

O professor acorda assustado. Ainda sob o efeito da medicação, está sonolento. Toma 260g de Haldol e 120g de Diazepan, em duas doses diárias. Desperta reclamando do calor e pergunta se o almoço já foi servido. Geme de dores na perna e do gosto amargo da comida, que “tem muita pedra”. Refeição bem diferente da que lhe serviam em Campinas nos restaurantes grã-finos, especializados em pratos árabes. Mussalém nutre verdadeira adoração por tabule e quibes, gosto herdado dos pais libaneses, Moisés e Janete. O casal deixou a capital Beirute e veio para o Brasil na década de 1930 em busca de melhores condições de vida. Fugiam da guerra civil entre cristãos e muçulmanos, que evoluiu para um confronto aberto devastador. Peregrinaram por várias regiões brasileiras até encontrar, em Macaubal, São Paulo, condições para trabalhar e formar uma família. Começaram na roça, economizaram dinheiro e montaram uma pequena loja de tecidos e chapéus. Aos poucos, os filhos foram nascendo. Moisés sonhava ver a casa cheia. Queria crianças correndo de um lado para o outro pelo quintal e pulando em seu colo. Vieram Odete e Alice, as irmãs mais velhas, mas faltava um homem, a quem o pai passaria o legado da família.

Mussalém nasceu na madrugada de 16 de março de 1946. A família chamou os amigos e festejou a chegada do primeiro homem do lar. Era um milagre de Deus. Moisés tornou-se um árabe realizado. Quase um sultão. Nem o patriarca do povo de Israel, diante da Terra Prometida, sentira tamanha satisfação. O nascimento de Vera e o de Ivete, depois, não foram tão bem recebidos como a chegada do menino.

Mussalém acompanhava o pai no trabalho, nos passeios pelo campo e por qualquer lugar onde fosse. Um dos maiores orgulhos de Moisés foi ver o filho, de terno azul apertadinho e gravata-borboleta, dar aulas sobre a Bíblia na escola dominical da igreja presbiteriana que a família freqüentava nos domingos à noite. Foi nessa época que o professor descobriu a paixão pela educação e aprendeu os princípios da fé protestante. Mesmo confinado no manicômio, Mussalém não esquece as lições da adolescência: lê todo dia, antes de dormir, um capítulo do Antigo Testamento e dois do Novo Testamento, para completar a leitura do livro sagrado no prazo exato de um ano.

Em meados de 1967, empolgado pelo acelerado crescimento urbano de São Paulo, seu pai achou que poderia construir prédios. Até hoje, vários edifícios de três andares que ajudou a fazer permanecem em pé no bairro de Pinheiros. Já seu relacionamento com a mãe era menos próximo. Não que a rejeitasse, mas ela

mantinha certo distanciamento do filho. Ninguém sabia exatamente por quê. Apesar dessa frieza, a mãe sempre foi seu grande ídolo.

- Ela representava para mim a personificação da honestidade, da pureza e do respeito – lembra Mussalém, e avisa ao colega de pavilhão que vai almoçar arroz com pão.

Sentado numa das pontas da cama de ferro e envolto até a cintura num cobertor de listras marrons, ele conta cabisbaixo o fim trágico do pai, vítima de um atropelamento mal explicado na rodovia Fernão Dias. Falsos amigos teimavam em dizer, com maldade, que Moisés era esquizofrênico como dois de seus tios que morreram internados no Juqueri. “Mas tudo não passava de conspiração”, assegura Mussalém. Leva como lembrança do pai as parábolas contadas para ensinar os segredos da vida – entre elas, a história da ponte que ligava uma estrada sobre um imenso abismo. No caminho, a placa alertava: “A ponte está quebrada”. Um viajante chegava, lia o aviso e voltava. Outro viajante fazia o mesmo. Até que chegou um analfabeto desavisado e despencou montanha abaixo. A lição valeu.

Mussalém jamais despencaria. O jovem obstinado deixou Macaubal para se tornar um professor universitário brilhante. Completou o colégio em São Paulo, vivendo na casa de um tio, no centro velho da cidade, até entrar para o Departamento de Ciência Política da Faculdade de Ciências Sociais de Rio Claro, antigo campus da USP. Em 1972, foi selecionado para trabalhar como professor assistente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Aos 41 anos, o maior sonho estava se concretizando. Seu lazer era passar horas e horas nas bibliotecas de Campinas e, às vezes, viajar quilômetros para vasculhar livrarias e centros culturais em São Paulo e no io de Janeiro. Ele fala, lê e escreve em francês, alemão, inglês e espanhol. Tem 4 mil livros em casa, em Campinas. São obras – a maioria importada – sobre psicologia, política, antropologia e sociologia. Todo o conhecimento acumulado devia unicamente ser transmitido a seus alunos. Esse prazer de ensinar ainda hoje o acompanha. Sente-se realizado toda vez que um paciente pede ajuda para escrever carta aos familiares ou pergunta o significado de expressões que ouve na tevê ou lê nas revistas.

Mussalém conta que suas maiores referências intelectuais sempre foram o filósofo francês Jean-Paul Sartre e o pensador genebrino Jean-Jacques Rousseau. Um dos trabalhos que mais gostou de fazer foi a análise comparativa das teses de Freud, Lacan e Jung. Por esse trabalho, foi escolhido para traduzir, no fim dos anos 1980, o livro A questão do sentido na psiquiatria, do alemão Victor Frankl.

- Deus se revelou a mim como aos filósofos gregos – afirma Mussalém, já sem as pernas enroladas no cobertor.

Senta-se na cama incômoda com os pés descalços largados no chão. Apóia os braços nas pernas, depois de esticar o pescoço para conferir a hora e saber se alguém roubou o mel. Fixa os olhos no raio de luz que bate numa das janelas de grades cerradas do pavilhão. Um paciente pergunta se quer comprar um pacote de bolachas recheadas e ele diz que não. Um “não” seco, grosseiro, solto no ar. Ameaça dizer algo, mas desiste. O silêncio é enigmático. Estará tendo um surto? O que há no infame raio de luz? Sua face permanece erguida e

estática. De repente, escorrega a mão pela barba malfeita e respira fundo antes de dizer:

- Eles estão por toda a parte. Se reproduzem como um pungente vírus biológico e são mortais como um vírus biológico.

Começa o delírio. Mussalém traz à memória a caliginosa conspiração que sepultou seus projetos de vida e o confinou no Manicômio de Franco da Rocha. Nos becos e vielas, nas ruas e praças, na benéfica rotina de trabalho, nos conflitos com a família, nos soturnos sonhos da madrugada. Os conspiradores estão por toda a parte, mancomunados com Deus e o mundo. É preciso proteger-se. Contra-atacar. Avançar sobre os inimigos antes que a morte chegue, como a maré que trouxe o marinheiro Gilliat no romance Os trabalhadores do mar, obra-prima de Victor Hugo.

Impulsionado pelo seu delírio, o professor aceitou o convite de seu advogado para conhecer uma das melhores lojas de armas de Campinas. Na primeira visita comprou uma pistola Taurus PT-380, uma semi-automática 6,5 mm e um revólver calibre 38, além de muita, muita munição. Guarda até hoje a nota fiscal e a autorização para o porte de armas em seu apartamento de dois quartos, num condomínio da região norte de Campinas. Ele sempre apreciou prédios espaçosos em bairros arborizados. Era caseiro, odiava badalações e festas noturnas. Preferia passar as noites em sua biblioteca particular ou sentado na varanda, observando a movimentação da rua.

Atento ao vaivém dos moradores do edifício, começou a desconfiar das contas do condomínio. Em outro de seus devaneios, convenceu-se de que o síndico liderava uma máfia audaciosa, responsável pela criação de um caixa dois com parte do dinheiro de aluguéis e condomínios. Não tinha como comprovar o esquema. Armou, então, uma armadilha para flagrar um dos mentores da quadrilha – o zelador.

Numa sexta-feira de frio rigoroso, inventou um vazamento de água no banheiro de sua casa e pediu ajuda ao zelador. Sua idéia era persuadi-lo a entregar o bando e desmascarar todos publicamente. O funcionário demorou a subir e, minutos depois, pelo interfone, prometeu verificar o problema no dia seguinte. Alegava estar substituindo o porteiro naquela noite, sem condições de abandonar o posto. Mussalém ficou furioso. Desceu as escadas transtornado, carregando nas mãos o martelo usado para provocar o vazamento. Não houve tempo para a reação do zelador: Mussalém desferiu-lhe marteladas nas costas, mandando o homem para o setor de traumatologia do Hospital das Clínicas de Campinas. Foi convocado para depor na Justiça, acusado de agressão, mas o processo não resultou em nada. A partir do incidente, o professor passou a ser visto como uma ameaça iminente no prédio. Todos tinham receio de encontrá-lo sozinho no elevador ou no estacionamento. As crianças eram orientadas pelas mães para não falar com “aquele senhor esquisito” ou para correr dele ao primeiro sinal de agressão.

As perseguições criadas por sua mente logo se estenderam para a Unicamp. Seus trabalhos acadêmicos passaram a ser duramente criticados por outros professores, e suas propostas de reformulação da grade de ensino eram sempre desprezadas. Nas salas e corredores da faculdade, vivia atribulado pela

sensação de o estarem perseguindo. Uma sombra escura, malignamente oculta, parecia rondar seus caminhos. Estava convicto: eram os militares.

Na época, por volta de 1976, com dois anos de mandato do general Ernesto Geisel na presidência da República, a supressão dos direitos constitucionais era absoluta. Mussalém imaginava que tinha os passos vigiados dia e noite. Sua vida corria perigo. Malditos milicos! Oprimiam a classe intelectual em nome da luta contra o comunismo. O professor não saía de casa desarmado. Sua rotina mudou. Não ia aos restaurantes árabes com a freqüência de antes, e raras também se tornaram as idas a bibliotecas. Ele conta que começou a receber ameaças de morte por telefone e por correspondências anônimas de várias partes do país, até mesmo do exterior.

Guardo até hoje uma carta enviada dos Estados Unidos que diz que, se eu pisar no hemisfério norte, serei morto – afirma, e recolhe as pernas como quem se abstém de pisar.

Parece calmo, mas está convicto. Lembra que seus pensamentos eram permeados por idéias de prisão, tortura, exílio e morte. As lembranças de fuzilamento de Carlos Marighella, em São Paulo, causaram-lhe pesadelos assombrosos por várias semanas. Acordava de madrugada assustado com o barulho da porta da cozinha batendo no fogão, quando esquecia de trancar a janela da área de serviço. Levantava-se, sentava-se na cama com os braços apoiados nas pernas e chorava. Chorava durante horas, às vezes até amanhecer. Suava gelado. E voltava a dormir com mais medo ainda. A qualquer momento, agentes do Destacamento de Operações e Informações e do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) poderiam arrombar a porta e levá-lo algemado a uma das salas de tortura. Jurava não contar nada que quizessem. Não sabe bem o que ia esconder, mas seguramente nada falaria.

Em junho de 1977, em meio a um longo surto paranóico, convenceu o chefe do seu departamento a conceder-lhe bolsa de estudos para defender tese de doutorado na Alemanha. Era a oportunidade de escapar dos militares. Embarcou para a Universidade Livre de Berlim no mês seguinte, com a mala repleta de livros, receitas de quibe e esfiha – e sem as armas. Estava disposto a recomeçar a vida longe da censura à produção cultural que atingia políticos, artistas, músicos, estudantes e intelectuais.

A viagem foi uma pílula de ânimo. Tudo caminhava bem – sua tese, Método e capitalismo em Marx, foi aprovada em Berlim com a segunda maior nota da banca, e ele estava encantado por uma bela mexicana de cabelos louros curtos, olhos negros e pele rosada, exatamente as características físicas que admirava em uma mulher. Adorava ver a moça mascando chiclete e detinha-se na análise minuciosa dos movimentos de seu maxilar. A musa do professor era casada e apaixonada pelo marido, Servando Ortoll, que também estava em Berlim. O casal ficou amigo de Mussalém. Estudavam juntos e saíam nos finais de semana para beber cerveja.

Os dias de paz do professor pareciam chegar ao fim. Voltaram os pesadelos delirantes no silêncio da madrugada, acompanhados da tenebrosa sensação de ser perseguido e da desconfiança de todos que o rodeavam. Os militares, enfim, tinham encontrado Mussalém. Pior: tudo ocorreu no mesmo período de uma viagem diplomática do presidente Geisel à Alemanha. Soldados

alemães, em cumplicidade com o governo brasileiro, estavam por toda a parte, infiltrados na multidão que transitava, nos carros que trafegavam de forma suspeita, entre os moradores da república estudantil ou entre professores e alunos.

- Nada mais astuto que incutir um espião camuflado como inofensivo colega de curso – conclui Mussalém na sua lógica peculiar. – Ortoll era o conspirador!

A mulher estaria caída de amores por Mussalém, e o marido, sedento de vingança, entregara-o ao governo brasileiro.

O início da tarde daquele Primeiro de Maio estava calmo no manicômio. O professor cumprimentou um paciente, numa roda de amigos que enrolava fumo para o cigarro de palha, e novamente mergulhou, convicto, na teoria conspiratória aplicada a seus tempos de Berlim.

- Durante três ou quatro dias fui perseguido por um helicóptero da Força Aérea Alemã. Naquela semana, fui anestesiado, seviciado e estuprado por pessoas comandadas por Ortoll. Esse cidadão era homossexual, e sua mulher estava completamente apaixonada por mim.

O fato é que Mussalém foi obrigado a retornar ao Brasil onze meses antes de completar a bolsa de estudos. Motivo: a direção da Universidade de Berlim solicitou o cancelamento do acordo para sua estada, alegando, por meio de sedex enviado à Unicamp, que o aluno criava constrangimento no campus.

Mussalém viajou desolado com a notícia e indignado com o poder de manipulação da cúpula das Forças Armadas. De volta à Unicamp, o derradeiro choque: foi impedido de dar aulas e, em 1984, afastado definitivamente da função e obrigado a aposentar-se, depois de submeter-se a exame de saúde mental. Diagnóstico: problemas psiquiátricos.

- O laudo foi forjado. Os colegas da universidade não tinham capacidade intelectual para desenvolver trabalhos como os meus e, por isso, me boicotaram – contesta o professor.

Apesar das críticas, Mussalém admite um desvio mental. Acredita que adoeceu devido à iniciação sexual tardia, ocorrida quando tinha 20 anos, na casa de um colega em Rio Claro, durante um porre de conhaque com uma amiga de faculdade. A partir daí, alternou períodos de solidão e de rápida convivência com três mulheres sucessivas. Aposentado, dedicou-se intensamente à pesquisa científica de temas ligados a psiquiatria e filosofia.

Voltou para o apartamento onde morava em Campinas, em 1984, e reencontrou uma velha conhecida: a paranóia. Descobriu que a quadrilha do zelador continuava atuando. Ao mesmo tempo, buscava compreender como o regime militar colhe tantas informações a seu respeito e como Geisel descobrira que estava na Alemanha. Mais: como os militares sabiam que uma mulher de cabelos curtos e louros, olhos negros e pele rosada seria uma boa isca para atraí-lo? E o detalhe da descomunal atração que exercia o movimento do maxilar feminino reproduzido pela musa mexicana? Isso só podia ser coisa de gente íntima, e as suspeitas caíram sobre a mãe, dona de casa Janete, e a irmã, a secretária executiva Alice, que ele visitava esporadicamente.

- Foram elas! Me entregaram para o DOI-Codi.

Demorou nove anos para reagir à mirabolante trama criada em seu universo de delírios e alucinações incontroláveis. Na manhã de 6 de julho de 1993, um domingo, visitou a irmã Odete, 51 anos, os últimos vinte vividos no Hospital Psiquiátrico Doutor Cândido Ferreira, em Campinas. Limpo e organizado, esse sanatório abriga hoje 315 pacientes. Mussalém saiu de casa carregando a pistola Taurus PT-380 e, por todo o caminho, permaneceu atento para certificar-se de que não o estavam seguindo.

A trágica coincidência: dona Janete e Alice haviam combinado de fazer uma surpresa para Odete no mesmo dia. Elas chegaram ao sanatório antes das 11 h da manhã e carregaram Odete para um dos bancos frios de cimento, num espaço chamado informalmente de Recanto das Flores. A praça quadrada, em que o vento sopra com mais força no hospital, era o local predileto das pessoas para ficar durante a visita. Dona Janete gostava de admirar as violetas e dalias cultivadas pelos internos. Naquele dia, a mãe arrancou uma das rosas e passou no rosto de Odete, que se derramava em gargalhadas. Mussalém chegou às 11h30. Atravessou lentamente o estacionamento e alcançou o Recanto das Flores. Sua fisionomia se transformou quando viu as mulheres sentadas no banco. Carrancudo, lembrou-se do pai, Moisés, pensou na casa de Macaubal e na loja de chapéus. Parou no espaço, mas não no tempo. Permaneceu em pé, os olhos fixos nas mulheres sentadas. O vento soprava forte ali. Odete emudeceu e ficou séria. Janete e Alice continuavam rindo. É possível que não tivessem visto Mussalém.

As cenas do passado espocavam como flashes na retina do professor. A escola dominical. O terninho azul. A gravata-borboleta odiada. A indiferença de sua mãe. As parábolas de seu pai. Pobres professores de ciência política. Pobre zelador. Pobre Geisel. Ortoll e a miserável mexicana. Cabelos curtos e louros, olhos negros e pele rosada ... Que importava? Pústula maligna, uma mulher manipulada pela conspiração ... Delatores do sistema. Os agentes do DOI-Codi. Insolentes! Riam da desgraça alheia. Choravam do sucesso dos intelectuais ...

Mussalém ajeitou os óculos – um dos aros tinha se soltado na noite anterior -, sacou a PT-380 e se aproximou da mãe. Quatro tiros. O primeiro, na cabeça, fez Dona Janete tombar de joelhos. O professor continuou o movimento, disparou outras duas vezes no crânio da mãe e lhe deu o tiro derradeiro na nuca. Alice, a irmã, foi alvejada cinco vezes.

- Odete cobriu o rosto com as mãos, desesperada – conta o motorista Hélio Benedito Alves, que estava a pouco mais de 50m do local e foi o único a presenciar os crimes.

Como se tivesse repentinamente recuperado a lucidez, Odete gritou por sua mãe.

Mussalém sorri:

- Estava transtornado com a minha família e flagrei as duas rindo de Odete. Foi muito. Não agüentei. Minha mãe era promíscua. Fazia sexo com os homens que freqüentavam minha casa em Macaubal. Traía meu pai e me traiu também. Tenho diversas cáries até hoje porque ela não me ensinou a escovar os dentes. Odete, não. Odete queria me ensinar a escovar os dentes.

O silêncio domina os 3 ou 4 m do manicômio onde Mussalém vive. Ele desliga o rádio. Lambe uma colher de plástico com mel e se ajeita na cama. Está

sereno. Sente-se mais angustiado ao relatar as agruras da paranóia do que ao contar como matou a mãe e a irmã.

O crime abalou Campinas e infernizou o restante da família. A polícia montou um esquema especial de segurança para o enterro, que reuniu mais de duzentas pessoas. No cemitério Flamboyant, o velório foi fechado durante a madrugada pela PM.

Duas horas depois do assassinato, Mussalém estava longe. Fugiu para Santos, para a praia de Itararé, em seu Escort verde, ano 1988. Antes de pegar a estrada, passou em seu apartamento e apanhou roupas, cartão do banco e as outras armas. Deixou as chaves com o porteiro e desapareceu. Chegou ao litoral no final da tarde de domingo e ficou num hotel. Após dois dias, transferiu-se para uma pensão. A polícia seguiu os seus rastros até encontrá-lo na quarta-feira, na praia do Gonzaga. Localizado pelos registros dos saques bancários nos caixas eletrônicos de Santos, Mussalém foi preso por três soldados da PM, enquanto folheava um livro de sociologia em livraria na esquina das avenidas Ana Costa e Presidente Wilson. Não ofereceu resistência e negou a autoria dos crimes. Na delegacia, não demonstrou abalo pela morte da mãe e da irmã. Disse apenas:

- Estou mal porque não comi nada e não sei se vou comer aqui.

Depois se calou. Foi condenado pelo juiz José Henrique Rodrigues Torres, da Vara de Júri de Campinas, a cumprir pena na Casa de Custódia de Taubaté. O primeiro diagnóstico revelou que apresentava uma perturbação mental intercalada por momentos de lucidez. Diz o prontuário:

Diagnosticamos paranóia. No entanto, como há doentes e não apenas doenças, e como cada doente faz a sua doença, considerando-se a história de vida do paciente, suas características pessoais, seu alto grau de manipulação, a repercussão emocional que seus atos causam, não somente no ambiente familiar como em toda a comunidade circunstante, ele é considerado de alta periculosidade. (p. 139-155)

* * *